



**Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação**

**A Constituição de pedagogas e pedagogos no Projeto Paranoá/Itapoã:  
significações e ressignificações da atuação libertadora e emancipadora.**

**Thaís de Sousa Oliveira**

**Brasília, janeiro de 2013**



**Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação**

**A Constituição de pedagogas e pedagogos no Projeto Paranoá/Itapoã:  
significações e ressignificações da atuação libertadora e emancipadora.**

**Thaís de Sousa Oliveira**

**Brasília, janeiro de 2013**

**THAÍS DE SOUSA OLIVEIRA**

A Constituição de pedagogas e pedagogos no Projeto Paranoá/Itapoã: significações e ressignificações da atuação libertadora e emancipadora.

Trabalho Final de Curso  
apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de Licenciado  
em Pedagogia,  
à Comissão Examinadora da  
Faculdade de Educação da  
Universidade de Brasília,  
sob a orientação do Professor  
Renato Hilário dos Reis

Comissão Examinadora:

---

Prof. Dr. Renato Hilário dos Reis  
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

---

Prof. Mestre Leila Maria de Jesus

---

Prof. Mestre Julieta Borges

Brasília, janeiro de 2013.

**DEDICATÓRIA**

*A Deus, que nos dá força todos os dias e por me apoiar em todos os momentos. Ao meu filho que foi o melhor presente que ganhei no meio do processo de graduação e quem me deu ainda mais força para ser uma educadora. Aos meus pais por todo o apoio e cuidado durante a vida inteira. Ao meu companheiro por toda cumplicidade. Aos professores da graduação que tanto contribuíram para o meu processo de formação como educadora e ser humano.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu grande Deus pela força, fé e iluminação.

Ao meu filho amado, Júlio César, pela grande luz que trouxe a minha vida.  
Ao meu esposo, Marcus Vinícius, pela paciência e força.  
Ao meu pai, minha mãe, por toda dedicação, carinho, amor e compreensão.  
As minhas irmãs e irmãos pelo apoio, amor e cumplicidades de sempre.  
A minha família, pela grande força, avó, tios, tias, primos e primas.  
A minha segunda família, sogro, sogra e cunhadas, por todo carinho e atenção com que me acolhem.  
Ao meu orientador, conselheiro e amigo Renato Hilário dos Reis pela amorosidade, paciência e carinho  
Aos Professores e professoras da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília pelo instigamento à busca e construção do conhecimento.  
A todos (as) amigos (as) e companheiros de caminhada do Genpex, que já atuaram ou atuam nesta grande e bela caminhada.  
A todos (as) alfabetizandos(as) do Cedep pelo exemplo, receptividade, carinho e amorosidade com que nos acolhe.  
As alfabetizadoras e alfabetizadores do CEDEP, que nos encorajam e são exemplos de perseverança na batalha por um mundo mais justo.

## **RESUMO**

Este trabalho é resultado da reflexão sobre a práxis pedagógica de graduandos e graduandas de pedagogia que atuam no Projeto Paranoá, de

alfabetização de adultos, vinculado ao Grupo de Ensino-pesquisa- extensão em Educação Popular vinculado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Os graduandos e graduandas que atuam no projeto Paranoá tem suas perspectivas de educação alterados, pois vivenciam situações em que a educação não está voltada apenas para a perspectiva de aspectos cognitivos, é preciso pensar e principalmente agir diferente, pensando nos estudantes como sujeitos de suas próprias histórias e também de sua educação.

A participação na alfabetização de adultos do Projeto Paranoá altera significativamente a proposta de educação que os graduandos tinham, incentivando-os a buscar novas formas de se relacionar com os educandos, de forma mais amistosa, respeitosa, onde todos aprendem e ensinam juntos, buscando uma transformação social.

## SUMÁRIO

<b>Parte I .....</b>	
<b>Memorial.....</b>	<b>09</b>
<b>Parte II.....</b>	

<b>Monografia.....</b>	<b>15</b>
<b>A Constituição de pedagogos e pedagogas no Projeto Paranoá: significações e ressignificações da atuação libertadora e emancipadora</b>	
<b>Justificativa .....</b>	<b>16</b>
<b>Objetivo Geral .....</b>	<b>17</b>
<b>Objetivos específicos .....</b>	<b>18</b>
<b>Metodologia da Pesquisa .....</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo 1.....</b>	<b>20</b>
<b>A HISTÓRIA DO PARANOÁ TAMBÉM É MINHA HISTÓRIA, NÃO POSSO DEIXAR DE CONTÁ-LA.</b>	
<b>1.1 – História do Paranoá – Luta e constituição de sujeitos 1.2 - O CEDEP, como entidade de múltiplas funções e instigadora de ideais..</b>	
<b>Capítulo 2 . .....</b>	<b>22</b>
<b>PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO EM PROCESSO DE ALFABETIZADORES(AS) DO PARANOÁ/ITAPOÃ.</b>	
<b>2.1- A práxis do(a) pedagogo(as) em formação no Projeto Paranoá/Itapoã.</b>	
<b>Capítulo 3 . .....</b>	<b>28</b>
<b>O PROJETO PARANOÁ E AS (RE) SIGNIFICAÇÕES DE GRADUANDOS ATUANTES NO PROJETO PARANOÁ.</b>	
<b>Capítulo 4 . .....</b>	
<b>A TRAJETÓRIA DOS GRADUADOS APÓS AS VIVÊNCIAS NO PROJETO PARANOÁ .</b>	
<b>Parte III . .....</b>	<b>30</b>
<b>Perspectiva de atuação profissional</b>	
<b>Referencias bibliográficas . .....</b>	<b>31</b>

## **APRESENTAÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso, referente ao Projeto 5 da faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Foi fruto de participação coletiva de

estudantes, alfabetizadores, alfabetizados, professores e pesquisadores que estão diretamente envolvidos com o Projeto Paranoá de educação de adultos.



## **Parte I**

### **Memorial**

Thaís, nome escolhido pela minha tia e madrinha Alba que quer dizer a que se admira. Nasci no Paranoá em 1986, ano de muita luta para aqueles moradores que buscavam melhores condições de vida. Sou filha de imigrantes nordestinos que vieram para a cidade dos sonhos, Brasília, em busca de uma vida melhor. Meu pai veio do Maranhão com suas irmãs e logo conseguiu trabalho. Após passar por diversas cidades satélites, foi para o Paranoá com a promessa de moradia. O

mesmo aconteceu com minha mãe. Veio do Ceará apenas com 2 anos para também fixar moradia no Paranoá com toda a sua família. Todos em busca de uma melhoria na qualidade de vida.

Meus pais se conheceram no Paranoá em 1985, na época em que o Paranoá era a maior ocupação que existia no Distrito Federal. Ocupação que incomodava muito, pois estava às margens do Lago Paranoá e várias pessoas estavam lutando pelo direito à moradia.

Após uma gravidez não planejada, meus pais também passaram a lutar mais ainda pelo direito à moradia. À época minha mãe era muito nova e meu pai assumiu essa grande responsabilidade. Até hoje, lutam juntos pela sobrevivência, não como antes, mas ainda lutam.

Ainda no Paranoá Velho, em meio à luta por moradia, no ano de 1989, nasce minha irmã e grande amiga Thayane. Nessa mesma data o Paranoá será removido para o local que até hoje é a nossa cidade. Já no Paranoá novo, determinação que nasce com a fixação da então vila que vira a VII Região Administrativa do Distrito Federal, nossa família ainda cresce mais com a chegada da minha querida irmã Amanda e, o príncipe da casa, o Victor. Nossa família está completa, feliz e sempre unida.

Inicie a minha vida escolar com 5 anos na creche João Paulo II, onde a minha tia Alda foi a minha primeira professora. Essa creche é pública e vinculada à Igreja Católica. À época era administrada pelo padre José Gálea, grande personalidade no Paranoá, pois incentivou os jovens a lutarem pela fixação do Paranoá. Meus primeiros anos na escola foram maravilhosos. Esta creche não tinha jeito de escola, mas sim de casa, parecia que todos faziam parte de uma grande família. Fui muito feliz, participei de teatrinhos e descobri que esta escola fez com que eu me tornasse uma pessoa mais extrovertida e criativa, peculiaridades de uma professora. Foi na creche João Paulo II que aprendi que a educação não precisa ser algo chato e padronizado, pode sim, ser lúdico, amoroso, posturas fundamentais no fazer pedagógico.

Sempre estudei em escolas públicas. Recordo-me até hoje de professores que fizeram a diferença, pois tinham um relacionamento muito bom comigo e com os demais alunos. Tem aqueles que trazem recordações ruins, como uma professora que fazia todos os alunos levantarem os braços e abrir e fechar as mãos para trabalhar a coordenação motora, mas de forma dolorosa e nada amorosa. Porém, outras trazem lembranças boas, pois eram meigas no falar e sempre traziam

atividades diferentes que provocavam o pensamento e a aprendizagem. Esse ponto sempre me tocou. Pensava como seriam importantes escolas diferentes que trouxessem conteúdos e formas de aprendizagem fora dos padrões de mera repetição. Hoje sei que aí estava o meu ser pedagoga intrínseco que mais tarde desabrocharia.

Quando ingressei no ensino fundamental fui para uma escola pública, onde minha tia Graça trabalhava como auxiliar de serviços gerais. Mas essa escola ficava em outra localidade, o Lago Sul. Deparei-me com outra realidade, casas bonitas, grandes carros, mas dentro da escola não era diferente. Quase todos os alunos eram de cidades como Paranoá e São Sebastião e estudavam no Lago Sul em busca de mais qualidade na educação. Essa escola também foi maravilhosa. Todos os alunos se conheciam. Havia poucas turmas, além de acontecerem vários festivais, como a festa junina e o baile de carnaval, que deixava o clima da escola mais aconchegante. Festa junina é algo que faz parte da minha vida e também da minha família. Nessa escola fiz catequese, pois na época as igrejas firmavam parcerias com as escolas. Aprendi a ser mais independente, pois tinha que pegar ônibus, mesmo sendo escolar, acho que dá certa autonomia aos estudantes. Sempre fui assim, tive vontade de ser eu mesma, sem depender dos outros. Quando cheguei ao final da quarta série, agora quinto ano, tive que mudar de escola, pois essa era Escola Classe, só contemplava de 1ª à 4ª série. Fui remanejada para o Centro de Ensino fundamental 06 de Brasília, também chamado de escola Dom Orione, parte das dependências do Instituto Dom Orione que cuida de pessoas com necessidades especiais, principalmente as com deficiência mental. Nesta escola, aprendi a lidar com o dito diferente e desconstruí vários paradigmas relacionados à deficiência. Estudei nesta escola até a sétima série, ou seja, oitavo ano. Então fui remanejada para o Centro Educacional do Lago (CEL).

Apesar das mudanças de escola, o grupo de amigos continuava os mesmos, pois sempre éramos remanejados juntos. Nas escolas em que estudei sempre fiz muitos amigos que até hoje estão presentes direta ou indiretamente em minha vida. Sempre me dediquei muito aos estudos, aplicada tirava notas boas, nunca reprovei e sempre ajudava meus colegas a estudar, mais uma vez o ser pedagoga gritando dentro de mim.

Quando cheguei ao ensino médio, no CEL veio à grande questão: que curso fazer no Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UNB)? Que profissão seguir? Eu ainda não sabia. Nessa época, inicio o namoro com

Marcus Vinícius, que posteriormente se torna meu esposo, companheiro e amigo para todas as horas. Estudei muito no ensino médio, mesmo sem os livros didáticos que a escola pedia, pois meu pai não podia comprar. Fiz a primeira etapa do PAS, a segunda e eis que chega a terceira etapa e preciso decidir que profissão seguir. Que profissão escolher para a vida toda, infelizmente ou felizmente eu tinha que pensar na nota já obtida para passar na UNB ou então não faria faculdade, pois não havia como pagar uma particular. Ou entrava na UNB ou ficaria sem o ensino superior.

Das opções cabíveis para a minha nota de corte o curso de Pedagogia era a opção que mais combinava comigo. Ser professora da educação infantil como minha avó paterna foi lá no interior do Maranhão, que orgulho seria para ela, mesmo após sua morte. E foi um orgulho para toda a família, pois fui a primeira da minha família, tanto paterna quanto materna, a cursar o ensino superior numa Universidade Pública. Fiquei muito feliz ao passar para a UNB, mesmo sem saber direito como seria o curso.

Primeiro semestre na UNB, ano de 2005. Cursei aulas ótimas, dentre elas Oficina Vivencial e Projeto 1. Essas disciplinas me mostram outro lado da educação, cadeiras em círculo, lanche coletivo, trabalhos em grupo, exposição das ideias dos alunos, mas que universidade é essa? Eu me perguntava. Estava acostumada com a educação bancária. Agora o meu ser pedagoga estava desabrochando e nesse mesmo semestre fiz um trabalho sobre o grupo de alfabetização que trabalhava no Paranoá, meu lugar. Conheci o professor Renato Hilário, coordenador desse projeto na Faculdade de Educação da UnB. Que personalidade! Acolheu-nos de forma muito amorosa. O projeto que coordenava tinha uma proposta metodológica ótima. Valorizava o alfabetizando, buscando uma igualdade de responsabilidade na educação, assim como diz o Educador Paulo Freire, “ninguém educa ninguém, as pessoas se educam no coletivo”. (FREIRE, ano, p.).

Explicação sucinta do projeto. O projeto citado refere-se a alfabetização de jovens e adultos realizada em parceria com o Centro de Desenvolvimento e Cultura do Paranoá-CEDEP .... (acrescentar um parágrafo sobre isso, já que mais embaixo você cita o CEDEP).

A partir daí não parei. Participei ativamente deste grupo de alfabetização e cada vez mais aprendi a amar a minha profissão de educadora. Construí e construo dentro de mim uma pessoa mais humana, preocupada com a igualdade e justiça, sabendo que as mesmas só poderão ser atingidas através da tomada de consciência de todos.

Iniciei também a vida de trabalhadora, numa escola de educação infantil no Paranoá, Escola Jardim ABC. Início como professora da educação infantil e ao deparar-me com a realidade da educação brasileira instigava-me ainda mais o fazer pedagógico. Essa escola tinha um projeto pedagógico muito bom, porém na prática a educação era bancária e capitalista, bem diferente do modo em que eu atuava no CEDEP com o Grupo de Alfabetização de Jovens e Adultos. Essa nova realidade me leva a questionamentos incansáveis: como deveria ser o fazer pedagógico? como as crianças deveriam ser tratadas? A principal inquietação era em relação ao papel do educador que deveria tomar para si essa responsabilidade da educação.

Como estudante e trabalhadora, senti muita dificuldade em caminhar avançar mais nos estudos. Sentia-me muitas vezes fraca e sem motivação nas aulas. O projeto de alfabetização de adultos sempre me ajudava a manter a caminhada. No final de 2008, descubro que estou grávida, ainda sem casamento, esse fato afastou-me mais da Universidade. Porém ganhei muito em humanidade, ser mãe de um garoto lindo, o Júlio César. Isso instiga-me ainda mais a pensar que tipo de educação dar ao meu filho. Quais professores ele teria e por quais situações no processo pedagógico ele teria de enfrentar essa lógica bancária que não valoriza o ser humano como um todo, que muitas vezes o exclui e o faz desistir. Tive ainda mais certeza de que tracei o caminho certo para a minha vida. Traçar a lógica não formal, que valoriza o ser humano em todos os seus aspectos, amoroso, humano cognitivo, social, político, artístico e qualquer outro que seja.

Assim nasce esse trabalho de conclusão de curso, no fazer pedagógico, na realidade, nos questionamentos que nascem no dia a dia diante do real que pode e deve ser modificado pela ação de nós educadores.

Como educadora e mãe me faz necessário avaliar sempre os processos pedagógicos que promovam a emancipação e libertação dos seres humanos e não seus silenciamentos.

**PARTE II**  
**MONOGRAFIA**

**A Constituição de pedagogas e pedagogos no Projeto Paranoá/Itapoã:  
significações e ressignificações da atuação libertadora e emancipadora**

### **Justificativa**

Atualmente a educação brasileira vem sofrendo com a evasão escolar, repetência e violência nas escolas, estes problemas se dão por inúmeros motivos, mas principalmente pela falta de interação entre os professores e alunos, a partir desse fato há a necessidade de se passar por um processo diferenciado de educação. O professor tem papel fundamental na educação, pois se dá a ele a parte principal de motivação e acolhimento dos alunos. Diante dessa realidade vamos investigar como a participação-ação no projeto de Educação de Jovens e Adultos do Paranoá muda o perfil do pedagogo e o transforma em um ser humano com uma visão diferenciada da educação, que não está preocupado apenas com aspectos cognitivos e de apropriação da escrita e do cálculo, mas de formação do sujeito em sua plenitude.

### **Objetivo Geral**

Levantar as significações que o graduando de pedagogia desenvolve em sua atuação existencial como decorrência de sua participação no Projeto de Alfabetização e Formação em Processo de Alfabetizadores(as) do Paranoá/Itapoã (Projeto Paranoá/Itapoã) ligado ao Grupo de Ensino pesquisa e Extensão em Educação Popular.



### **Objetivos Específicos**

- ❖ Descrever o aprendizado desenvolvido por três graduados de pedagogia na (UNB) no Projeto Paranoá/Itapoã
- ❖ Avaliar como esse aprendizado desenvolvido no Projeto Paranoá/Itapoã se relaciona à prática pedagógica profissional do graduado de pedagogia da UNB.
- ❖ Identificar as contribuições dessas três graduadas à organização e funcionamento do Projeto Paranoá/Itapoã
- ❖ Levantar e analisar as transformações ocorridas com os graduados, a pesquisadora em sua atuação profissional, como decorrência de sua participação no Projeto Paranoá/Itapoã.

### **Metodologia da Pesquisa:**

Diálogo reflexivo com professores que já participaram do projeto de alfabetização do Paranoá/Itapoã.

## **CAPÍTULO 1**

### **A HISTÓRIA DO PARANOÁ TAMBÉM É MINHA HISTÓRIA, NÃO POSSO DEIXAR DE CONTÁ-LA.**

#### **1.1. História do Paranoá – Luta e constituição de sujeitos**

Brasília, a nova capital do Brasil, nasce a partir de uma proposta política do candidato à presidência da República, Juscelino Kubitschek, que garantiu durante sua campanha que faria valer a lei da constituição de 1946 em que estava decretado que a nova capital do Brasil deveria se localizar no Planalto Central.

Quando Juscelino ganha as eleições precisa também cumprir a sua promessa. A construção da nova capital deveria acontecer nos seus 5 anos de mandato, pois o lema de sua campanha era 5 em 50, ou seja, desenvolver o Brasil cinquenta anos em cinco anos. Para isso ocorrer há a necessidade de mobilizar vários trabalhadores do Brasil inteiro que aceitassem esse desafio e viessem para o planalto central construir a nova capital. Assim, primeiro chegaram os trabalhadores e junto com eles os sonhos de se conquistar uma vida digna, onde houvesse trabalho, saúde, educação e, acima de tudo felicidade.

Para amenizar o clima seco do planalto central, há a necessidade de se construir um lago, por isso constrói-se a barragem do Lago Paranoá. Represa-se assim a água do rio Paranoá. Vários trabalhadores montaram acampamento nas proximidades dessa barragem. Quando a construção terminou, os trabalhadores de alto escalão, como engenheiros, deixaram suas acomodações. Essas foram ocupadas por pessoas que vinham de outros estados brasileiros, principalmente do Nordeste que estavam à procura da terra prometida, a nova capital.

Em pouco tempo o Paranoá tornou-se a maior invasão da nova capital, segundo o governo da época. Mas, na verdade os moradores estavam ocupando o que era seu de direito, terra para morar. Após tantas promessas de que Brasília seria a Capital da Esperança, o governo deveria garantir a todos os seus trabalhadores os direitos fundamentais garantidos em Constituição, como educação, saúde e moradia. Porém, não foi o que aconteceu com a população do Paranoá. Eles tiveram que lutar por tudo isso.

## 1.2 - O CEDEP, como entidade de múltiplas funções e instigadora de ideais.

Para contribuir com essa luta, é constituído o Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá- Itapoã...

Desde muito nova tive contatos com o CEDEP, sempre participando de eventos culturais, festinhas e outros. Mas só vim descobrir o CEDEP como espaço educador e educativo quando me inseri no projeto 3, uma disciplina da graduação de pedagogia na qual os estudantes escolhem um dos projetos de extensão para atuar e conhecer novas possibilidades para sua área de formação, em 2006 e comecei a acompanhar as aulas de alfabetização de jovens e adultos. A partir daí, tomei este espaço também para mim como forma de crescimento e prática pedagógica.

O CEDEP nasce em 2 de agosto de 1987, quando o grupo TUCA 2 perde as eleições da associação de moradores e se vê sem um espaço físico para continuar as lutas pela moradia e melhor qualidade de vida da população do Paranoá.

E como deu certo este espaço. Em 2013, o CEDEP conta com o Projeto de Alfabetização e Formação em Processo de Alfabetizadores(as) do Paranoá/Itapoã, que acontece na sede do CEDEP e também na Escola Classe \_\_ , quadra 26, pré-escola, escola de informática, Economia Solidária e diversos curso e eventos vinculados ao Ministério da Cultura e também do Esporte.

Muitos fundadores e sócios do CEDEP cumprem o seu papel na educação e formação de cidadãos mais atuantes e conscientes de seu papel social. Foi o que aconteceu com os jovens lá no Paranoá, no período da ocupação, quando perceberam que estavam lhes tirando os direitos fundamentais como a moradia, a educação e sobretudo a uma vida digna.

Hoje o CEDEP funciona como um espaço amplo e acolhedor, onde ocorrem cursos profissionalizantes, pré-escola e diversas atividades culturais, educativas e esportivas. Essa instituição é fruto da luta de um povo que não se deixou abater, mas foi à luta em busca de melhorias em sua vida.

O CEDEP cresceu muito desde a sua criação, mas os objetivos continuam os mesmos: transformar a vida da população, reivindicar a melhoria da qualidade de vida das pessoas e sobretudo educar com amor.

O Projeto de Alfabetização e Formação em Processo de Alfabetizadores(as) do Paranoá/Itapoã muito contribui para a continuação do CEDEP e fortalecimento do movimento popular, já que muitos alfabetizados, ao se formarem no CEDEP, continuam nesse movimento. Todos que participam do CEDEP percebem que há na instituição um semear de um propósito, de uma missão, de um país mais justo, igual, fraterno e sobretudo unido, unido pela vida.

## **Capítulo II - PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO E FORMAÇÃO EM PROCESSO DE ALFABETIZADORES(AS) DO PARANOÁ/ITAPOÃ**

O Projeto de Alfabetização e Formação em Processo de Alfabetizadores(as) do Paranoá/Itapoã nasce junto à luta dos moradores da antiga vila Paranoá pela fixação das moradias e melhores condições de vida.

O grupo de jovens chamado TUCA, vinculado à igreja católica começa a fazer novenas pelos barracos do Paranoá e se deparam com uma realidade de muita pobreza e dificuldades. Decidem mobilizar-se e movimentar a comunidade para lutar por melhorias de vida e, principalmente, pela fixação no Paranoá. Ao iniciarem esse trabalho perceberam que muitas pessoas da comunidade não eram alfabetizadas, fato que inviabiliza a mobilização, já que os moradores não conseguiam ler os panfletos e tomar consciência de uma luta que também era deles. Situação difícil, mas não impossível de ser transposta, pois é nas adversidades que se fazem as mudanças.

Os jovens desse grupo buscam a Universidade de Brasília (UNB) para montar um projeto de alfabetização de jovens e adultos, pois o Mobral, projeto do governo, não atendia a demanda. Quando chegaram à UNB conversaram com a professora Maria Alice Pitaguary, que acreditando desacreditando, pediu que formassem um grupo para dialogar sobre a possibilidade da construção de um grupo ou projeto de alfabetização de jovens e adultos. Ao chegar ao Paranoá, a professora Maria Alice deparou-se com uma grande quantidade de pessoas interessada na proposta. Assim

ela mobilizou alguns estudantes da faculdade para acompanhar o grupo de alfabetização.

Algum tempo depois esse grupo passou a ser mais estruturado e desenvolveu bastante ações junto à alfabetização adultos criando inclusive o GENPEX – Grupo de Ensino-Pesquisa e Extensão em educação popular e estudos filosóficos que atua como projeto de extensão da Faculdade de Educação e como espaço de debate para as ações desenvolvidos junto ao Projeto Paranoá.

Porém a história não parou por aí, o grupo de jovens do Paranoá percebeu que não adiantaria apenas alfabetizar, mas propor uma nova visão de mundo para os alfabetizados, possibilitando que os mesmos se tornem agentes de seu destino e donos de sua própria liberdade. O grupo propôs uma alfabetização com diálogo, debate e ação-reflexão. Para isso acontecer a educação no Paranoá não deveria obedecer a lógica formal, onde há apenas a apropriação da leitura e escrita. mas comprometer-se com a formação para a não alienação. Uma educação para a formação do pensamento, da reflexão, pois só assim a comunidade não seria mais enganada e teria motivação para lutar contra os seus opressores.

Á luz dos estudos de Paulo Freire com a educação libertadora, o projeto é constituído de forma a garantir espaços para os alfabetizados conversarem e tomarem ciência do que está acontecendo à sua volta. Então nasce a proposta dos fóruns, espaços importantes para a identificação e encaminhamentos de soluções para os problemas comunitários.

Os fóruns são espaços destinados à troca de saberes, encaminhamentos da práxis e vivencia continua da amorosidade. Muito me lembra os fóruns onde fui acolhida, me senti leve, amada e querida por todos, imagine o alfabetizando que é sente se excluído e marginalizado por não ter acesso a códigos montados pelos humanos, mas que tem sim um pensamento magnífico e uma visão de mundo ainda mais diferenciada.

Além da proposta de alfabetizar a partir de uma situação-problema-desafio, um questionamento, trazido pela comunidade que seria pauta das aulas e a partir dessas situações seria abordadas o letramento.

## **2.1 A PRÁXIS DO(A) PEDAGOGO(A) EM FORMAÇÃO NO PROJETO PARANOÁ/ITAPOÃ**

Os graduandos e graduandas da Universidade de Brasília que entram no Projeto Paranoá/Itapoã participam dos fóruns não como expectadores, silenciados, apreciadores de uma realidade diferente da sua, mas como seres iguais que têm voz e poder para falar e decidir. Essa forma de atuação contribui muito para a formação desse graduando, como afirma Silvio:

“Eu aprendi mesmo o fazer pedagógico, a práxis pedagógica no Projeto Paranoá, com as alfabetizadoras e alfabetizandos.”

Os entrevistados foram engajados no Projeto Paranoá na própria Universidade, quando se iniciam no projeto III da Faculdade de Educação. Os projetos funcionam como uma forma de inserir o graduando no universo extra universidade, nesses projetos os graduandos são inseridos em atividades de diversas áreas ligadas à educação. Assim fica mais fácil conhecer e reconhecer a realidade da educação no Brasil.

O currículo de Pedagogia da Universidade de Brasília apresenta em sua concepção a possibilidade de o graduando de pedagogia conhecer as diversas áreas de atuação de um pedagogo através dos projetos. A cada semestre o estudante se matricula em projeto ligado a uma área de seu interesse. A proposta inicial, que nem sempre é cumprida, é que os graduandos atuem em suas áreas de interesse e interajam com a realidade que vão atuar ao se formarem.

Assim, os entrevistados passaram por este processo de vivência da práxis ao se matricularem no projeto III, escolhendo o Projeto Paranoá de Educação de Jovens e Adultos.

Os entrevistados, já graduados que tiveram sua formação e ressignificação no Projeto Paranoá.

Jaqueline Santos Melo, como eu, moradora do Paranoá, frequentadora do CEDEP. Hoje trabalha na secretária de Educação do Distrito Federal com uma turma de ensino fundamental I, 5º ano:

“Conheci o projeto no próprio Paranoá. Em um anúncio do curso para educadores populares do CEDEP em 2006 eu via chance de, antes do meu primeiro semestre, ter contato com a profissão e fui me inscrever no curso. Lá eu conheci a Leila, a Lourdes, o Maxwell e a Julieta, além do próprio projeto.”

Assim como eu, Jacqueline é moradora do Paranoá, mas desconhece a atuação do projeto de alfabetização de jovens e adultos de camadas populares. Só a



partir desse curso é que ela encontra e se apaixona pela forma em que os saberes são entrelaçados e compreendidos, discutidos e encaminhados na coletividade.

Stella Viana, agora mestre em educação e também professora da Secretaria de Educação do DF. Iniciou ainda em seu primeiro semestre do curso de Pedagogia, em 2005, um estágio oferecido pela UnB, onde auxiliava uma turma de alfabetização de funcionários da própria UnB. Se interessou pela área e obteve informações com os colegas de curso sobre essa área e ficou sabendo do Projeto de Educação Jovens e Adultos que acontecia no Paranoá.

Silvio, professor do Centro de Ensino Fundamental I do Paranoá, com os segmentos da EJA, conhece e acompanha vários ex-alfabetizandos que saíram do Projeto Paranoá e continuam na rede pública de Educação avançando em seus estudos.

Todos os entrevistados escolheram o projeto por opção. Todos já conhecem um pouco da atividade a ser desenvolvida, do trabalho a ser realizado, mas nem eles, nem eu, ao entramos nesse projeto temos a ideia da dimensão pedagógica e do quanto este trabalho se tornará importante para as nossas vidas e para a vida de todos os envolvidos, sejam eles alfabetizandos, alfabetizadores, auxiliares ou graduandos.

### **Minha trajetória no Projeto Paranoá**

Desde 2006 participo do projeto Paranoá, com o professor Renato Hilário dos Reis, mas foi em 2005 que conheço o trabalho de alfabetização de jovens e adultos do Paranoá, através do projeto 1, onde fui pesquisar projetos de extensão da Universidade de Brasília. Ainda silenciada e com muitas expectativas em relação ao curso, me dou conta de que havia uma lacuna em minha história de vida, pois apesar de ser moradora do Paranoá eu mesma não conhecia aquela história, aquela luta e me orgulhei ainda mais por ser daquela comunidade.

Assim surge a primeira inquietação, que é silenciada pelas atribuições da educação bancária, outras matérias optativas e fica para depois a busca por respostas e também por identidade.

Na primeira reunião do projeto 3, fico maravilhada com o relato do professor Renato Hilário a respeito da história de luta dos moradores do Paranoá, da constituição da minha cidade, onde o silenciamento começa se tornar um dissilenciamento e as inquietudes cada vez mais constantes vão se tornando modo de ação e busca por uma sociedade mais justa.

Posso afirmar que o graduando de Pedagogia que passa pelo Projeto Paranoá vive a práxis, aprende a mediar as situações problema e propõe encaminhamentos e soluções à eles. Não fica apenas a teoria, mas a prática de uma teoria voltada para uma educação libertadora.

Os graduandos matriculados em projeto III começam os trabalhos como auxiliares de turma, acompanhando todo o trabalho desenvolvido durante as aulas e acompanhando os alfabetizadores nas aulas.

Acompanho as turmas de alfabetização no CEDEP com a educadora Georgia, nesse inserções participativas e contributivas mútuas, vem questões antes esquecidas ou adormecidas em meu ser. Abro os olhos para a educação de adultos, percebo a sua importância no para aqueles envolvidos agora se dissilenciarem e aos poucos tomarem vez, voz e poder de suas ações.

Os graduandos acompanham as aulas da turma e são recebidos com muita alegria e empolgação, são acolhidos pelos alfabetizandos e inseridos no processo como um deles, não como autoridade ou alguém alheio a eles. Assim nasce um processo de educação transformadora, os dois estão ali para aprender juntos, serem juntos, fazerem juntos. E para mim como moradora do Paranoá, é mais surpreendente e importante.

### **Capítulo 3 - O PROJETO PARANOÁ E AS (RE)SIGNIFICAÇÕES DE GRADUANDOS ATUANTES NO PROJETO PARANOÁ.**

As resignificações são muitas, pois quando o graduando entra no Projeto Paranoá ele se depara com uma realidade bem diferente de seus contatos com a educação. É um enfrentamento do bancário, numa nova visão de mundo.

Acostumados com a educação tradicional, onde só a apropriação da leitura e escrita são favorecidas na escola, inclusive na instituição em que eles estudaram. São confrontados com uma nova forma de ver a educação, como forma de elucidar os alfabetizando a tomar consciência de seu papel enquanto cidadãos.

Jaqueline Melo relata que as experiências é que constituem os seres humanos e animados e esses trocam essas vivências com o meio. No projeto Paranoá eu me constituí pedagoga, construí minha identidade profissional e competência para fazê-lo. Eu me sinto pedagoga, me sinto competente e me sinto profissional porque sou reconhecida como e 'quem' me possibilitou isso foi o projeto Paranoá.

Então o Projeto Paranoá entra na trajetória de vida dos graduandos não como um mero projeto para se obter créditos e se graduar, mas passa a ser uma forma de se construir e constitui-se como pedagogo, formador de opinião e responsável por mudanças na vida de cada estudante que passa por suas vidas.

Assim como Jaqueline Melo eu também me constituo como pedagoga no Projeto Paranoá e ainda me constituo e me alimento dessas ideias importantes para uma quebra de paradigma.

Stella Viana acrescenta que a participação no Projeto Paranoá contribuiu em sua trajetória no sentido de proporcionar uma formação política, crítica, sensível aos problemas do outro. Mas não apenas observar os problemas e ter piedade, mas

nasce o propósito de intervenção/ação frente à realidade. Dessa forma ela se vê uma cidadã capaz de interferir na ordem social vigente e possibilitar uma nova condição aos antes excluídos e silenciados. O Genpex é fundamental para todos nessa perspectiva, pois é espaço de reflexão-ação, onde ouvimos, trocamos e construímos experiências e vivências para que nossa práxis seja ainda mais transformadora.

Os trabalhos dos graduandos em sala de aula com os alfabetizandos e alfabetizadores no Projeto Paranoá promove várias resignificações, entre elas:

- Pensar na proposta pedagógica como forma de tomada de poder.
- Constituir-se na troca de experiências.
- Compreender que nas relações educativas aprendemos mutuamente, não há apenas um detentor do saber.
- Não se imutar ao problema do outro, se ver com agente de transformação.

#### **Capítulo 4**

### **A TRAJETÓRIA DOS GRADUADOS APÓS AS VIVÊNCIAS NO PROJETO PARANOÁ**

Os graduandos que passaram pela vivência do projeto Paranoá/Itapoã continuam atuando em seus trabalhos de forma diferente, não buscam obedecer a lógica formal da educação tradicional, mas lutam diariamente com o bancário, isto não significa que são completamente reacionários, libertários, mas não se rendem totalmente à lógica formal imposta, mas lutam por uma educação de qualidade aliada a tomada de consciência por parte dos educandos.

É o que acontece com os pedagogos em formação que interagem no projeto de alfabetização de jovens e adultos do Paranoá. Eles interagem, pois é a palavra correta, não é só a passagem pelo projeto é participação-ação.

### **Parte III**

#### **Perspectiva de atuação profissional**

Atuar como educadora colocando em prática tudo que vivenciei e escolhi como filosofia de vida. Levando aos educando uma perspectiva de educação que valorize a tomada de poder, de consciência, de construção coletiva e de conhecimento.

Pretendo prestar concurso e atuar na Secretaria de Educação do Distrito Federal, com pessoas de camadas populares, incentivando-as a buscarem novas condições de vida através da educação e apropriação daquilo que muitas vezes lhe é retirado, a possibilidade de refletir e escolher aquilo que é melhor para a sua vida.

Caminhei bastante até chegar aqui, me senti por vezes excluída como um jovem e adulto que chega à EJA, mas sempre fui acolhida pelo Projeto Paranoá/Itapoã e cada vez mais me sinto forte para dar continuidade a esse projeto de vida, que não me silenciar frente aos problemas enfrentados cotidianamente e sim refletir sobre eles e coletivamente resolvê-los.

## Referencias bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GENPEX – Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação Popular (crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos) e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais. Documento Base, Universidade de Brasília, 2000.

REIS, Renato Hilário dos. **A Constituição do Sujeito Político, Epistemológico e Amoroso na Alfabetização de Jovens e Adultos**. 2000. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas – SP.

- O da Sttela – As significações e repercurssões do percurso formativo de pedagogos(as) egressos(as) do Projeto Paranoá em suas trajetórias profissionais na Educação de Jovens e Adultos;
- O da Jaqueline – A constituição do Pedagogo e sua Formação em Processo, na Educação de Jovens, Adultos e Idosos do Projeto Paranoá;
- O da Juliana Arraes – Reflexões de um Grupo de Pedagogos e Pedagogas sobre a Educação Libertadora em suas vivências formativas e práticas profissionais;
- O da Leila – A repercussão da atuação de educadores/as populares do CEDEP/UnB na Escola Pública do Paranoá-DF

